

# O MURMURIO.

PERIÓDICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 17.

SETEMBRO 1.

1856.

## O PHILOSOPHO CAMPONEZ

**H**A mais de sessenta annos, que nasci de traz d'aquelle penedo, que daqui apparece no alto da serra: e de então até agora, nem vi mais terra, que a que d'elle se descobre, nem desejei outra, de quantas ouvi gabar a meus naturaes. Nunca tive de meu outro bem maior, que não desejar o alheios; nem outro mal, que me desse mais cuidado, que as occasiões, que o tempo me offereceu, de poder possuir o que os homens estimam, e sentem tanto perder, como são enganos.

Sou tão pobre do que a fortuna reparte, que cada hora que quizer to mar conta de tantos annos, lhe não ficarei devendo nem um desejo. Vivo de guardar gado de outros donos; sou fiel em o tractar, diligente no pasto e remedio d'elle; rico com a parte que me cabe de sua lan e de seu leite, porque d'ella me visto, e d'elle me sustento; nem quando os fructos são poucos me lastimo, nem quando a novidades são maiores me alvoroço; contenta-me o bem, não me soçobra o mal.

Tenho uma cabana, em que vivo feita por minha propria mão, das arbores d'estas brenbas, não acharás dentro cousa, que deva direitos á vaidade: tudo são instrumentos necessarios ao seu officio de guardador; e se alguma cousa sobeja, será das que ainda são mais importantes para a vida. E aqui me alevanto contente, e aqui me recolho descansado, porque, nem acordo com os pensamentos na ventura, nem adormeço com elles repartidos em bens, que enganam, e em males, que os homens escolhem do seu grado. De houte qualquer estrella, que vejo, é a minha; porque todas favorecem o

meu estado. De dia sempre o sol me apparece da mesma côr; porque o vejo com os olhos livres.

Tenho este instrumento, a cujo som canto; quando é bem, me alegro; porque canto para me alegrar; e quando pelo contrario, me não peza muito, porque o não faço para alegrar a outrem.

Quando há frio, e neve na serra tambem ha lenha nesses montes, e fizo n'estas pedras com que me defendo; quando a calma é grande, com o abrigo d'estas arvores, e visinhança d'aquellas fontes me recreio. Assim são os meus manjates como é a minha vida; nem ella me pede os que me façam dano, nem eu os tenho. O meu vestido é sempre desta côr; porque em qualquer cousa (ainda de menos quantia) é a mudança perigosa.

O maior trabalho que tenho, é com os pastores com quem tracto; porque cada um tem uma vontade, e um entendimento, e eu me heide servir só do meu para com todos; porem de tal maneira uso d'elle, que me não dá do successo, que pode acontecer. Ao avarento, não lhe peço nada, nem lhe aconselho que dê a outrem, nem lhe louvo o dar nada a ninguem; e assim nem lhe minto, nem o molesto. Ao soberbo, nem me faço grande, por não ficar com elle em contenda, nem aos outros pequeno, porque com elles se não allevanto mais. Ao ingrato, ou não o sirvo, porque me não magde, ou quando o sirvo, lembro-me que a sua má natureza não pode tirar o preço á obra, que de si é boa. Ao fallador, calo-me; ao calado descubro-me com tento. Ao mudo, não lhe atalho a furia. Ao nesco não trabalho por lhe dar razão. Ao pobre, não lhe devo; ao rico, não lhe peço. Ao vão, nem o gabo, nem

o reprehendo. Ao lisongeiro, não o creio; e deste modo com todos estou, e nenhum me faz mal.

Não digo verdades, que amarguem; nem tenho amizades, que me profanem: não adquiero fazendas, que outros me invejem; por que n'este tempo, das melhores tres cousas d'elle nascem as mais damnosaz, que ha no mundo; da verdade, odio, da conversação, desprezo; da prosperidade, inveja.

Sou qual me vêz, e qual eu digo; não quero parecer outro, nem ser mais do que pareço. Venho muitas vezes a esta fonte, que me pegou sua condição; falla verdade a todos, e com nenhum tem differenças. Costumei-me a estas suas aguas, que ainda que amargosas, são saudaveis; apagam peçonha, desfizem feitiços, e valem contra mordedura de bicha.

Se nisto, que me ouviste, achas alguma cousa que te contente, e queres ir comigo, pois é já tarde; te hospedarei na minha cabana, no qual podes entrar sem temor, dormir sem perigo e sair sem saudade. Comerás do leite, ouvirás dos contos, e partirás quando quizeres.

R. L.

### E' OU NÃO E' A MULHER UM MUNDO?

« Quer parecer-me, que este nome não só quadra ao seu significado, em quanto quer dizer limpeza; se não em quanto quer dizer tambem o mesmo mundo; porque de todo o mundo leva esta não generos, e todo o mundo é necessario concorrer para ornar uma mulher. Por onde, se S. Gregorio achou com verdade que a creatura humana era todo o mundo, por quanto com umas creaturas convem no ser com outras no crescer, com outras no sentir, e com outras no intender: participando tambem o ornato de uma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão, e verdade se chama esse ornato — Mundo. Vejamos o mais em particular.

Dos Reynos do Decão, e Bisnagar, e de Golocondá na India Oriental, leva esta diamantes: da Bactria, Scythia, e Egipto, esmeraldas: dos Reynos do Pegú, e da Cidade d'Calcut, e da Ilha de Ceilão, safiras; do Seyo Persico entre Ormuz, e o Bassorá, da Sa-

matra, ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa, de Escocia, Slezia, e Bohemia, leva perolas: do porto de Julfar no Persia, leva aljofar (que d'ahi se derivou este nome:) da Cidade de Syem no Egipto superior, e do mar Thyrreno, leva coraes, que se se desterraram já dos Rozarios, o bracelletes, ainda se admittem em brinquinhos, e veronicas: dos campos de Piza, e dos montes Alpes, leva cristaes: do mar da Suecia, e de Lubica leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Faonte, choradas solememente cada anno pela sua desgraça: dos Reinos Monomotapa, e Zofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na nossa America, leva ouro: do Cerro de Potosi nas conquistas d'el-Rei Catholico, leva prata: de Alemanha, os Camascos: de Moscovia, as zebelluas, e Martas, e do Palatinado as mais aperfeiçoadas: de Helvecia região dos Suizatos os Arminhos: do Brazil os Sauguns para manguitos, e os Coquilhos para contos: da Cidade de Tyro, em Fenicia a Porpura; da Serra da Atxabida, Gão: de Portugal a Castella, a Cór: de Venezia, e Hollanda os Espelhos: de Provença, e de Roma Pomias para fazer as mãos marias, e chircasas; de Cordova, e Hungria ao menos as receitas para as aguas e onifer s destes nomes: das Indias e Castella, a Almeia, e oleo de ella para as mãos: de Tunquem, o Almiscar; do Marantão, e Sorá o Ambar; de Angola, e Guiné, e Cabo Verde a Algalia; das nossas Indias o Calabuto, e Aguilá, os Canequins, e pacinhos de Coco, e os Foribus: da Sina as pennas dos Avestruzes, para os coraes de plumas: da China os Los, os Leques, as Chitas: de Granada os Taletás: de Flandres as tendas: da Cidade de Cambray as téas finissimas, e candidissimas, que tem este nome: de Guimarães as lumbas: de Leão de França as primaveras: de Modaba na Persia, e de Italia as Telas: da mesma Italia as Damascos: de Florença Genova, e Napoles os Chamelotes: de França as luvas, os sinas para o rosto, e tambem os leques, uns maiores para o Verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de Inverno: de Inglaterra as meias, fitas, e relatinhos de algibeira: da Arabia a Gôma, que tambem serve officio neste mundo: da Batalha os Azeviches, para dar figas aos mãos olhos.

Que mais? Hé necessario que concorra tambem o mar, não só com as Ostras, que se esbulhem das Perolas; se não tambem com as Tartarugas, que desarmem as costas para pentes, e cofinhos, e com as Baleias, que empenhem as barbas, para subir um justinho, ou

prepbem bem desarrugado: são necessarias de varias partes varios materiaes para bucatas, es critorinhos, baus, guardarroupa, para recolher nos camarins, e escaparaes este mundo abreviado: são necessarios vidrilhos e garrafinhas, e rodomas, e bocetas, curiosa e ricamente, forradas, para toda a pharmacopolia de ingredientes liquidos, e secos, simples e confeccionados, que servem de estender o dia da formosura, quando vem já ca'indo maiores as sombras dos altos montes da annosidade, e se dizer na cara ao desengano, que mente. (!) »

Quando ha cento e cincoenta annos se dizia isto, que se escreveria hoje das nossas mulheres, e em encavilhadas em lules lules, que o menos que alli ha, são ellas mesmas?

### INSTRUÇÃO PRIMARIA.

No n.º 2596 da Nação de 24 de Junho vem um artigo, que apresenta certos meios adoptados para outras nações, afim de que a instrução primaria seja o que na realidade deve ser. Não temos dado aos nossos leitores este bellissimo artigo por falta d'espago; e agora apressamos os a transcrevel'o, não na integra por que as dimensões d'este periodico o não permitem.

« A Inglaterra adoptou um plano que nos parece tambem entre nós poderia dar optimos resultados. Não se coudeu bastante crear um corpo novo de professores com todos os predicados desejaveis em uma nação, que exige n' seu trabalho tão variadas aptidões; entender-se que os mesmos professores existentes poderiam aperfeicoar-se estimulando-os ao trabalho e ao estudo por meio da promessa de uma sorte mais feliz, de uma mais honrada situação que estaria na razão do proporcional augmento da intelligencia da profissão.

A commissão de reforma do ensino conhecida com o nome—*commissão do conselho d'educação*—estabelecida junto ao conselho privado da rainha foi inaugurada em 1839.

Tabem antes desse tempo o ensino primario gemia em Inglaterra sob a pressão de um grande descredito. Em um relatorio (*minutes, etc.*) de 1846 daquella commissão prova-se que o exame dos antecedentes de 87 professores pertencentes a uma sociedade de instrução só 19 se tinham dedicado desde a adolescencia ao ensino.

Os 68 restantes tinham sido escreventes, capateiros, merceiros, pintores de carroagens, jardineiros, pedreiros ect. ect. Era que quem

não podia ser nada em outra profissão fazia-se mestre d'eschola, para fazer o que hoje se faz entre nós; para não fazer caso da escola cuidando só de seus negocios particulares.

Como bem se vê, a Inglaterra em 1839 tinha um corpo de professores que pelo menos não se avantajava ao nosso actual.

E contudo aquella grande nação sem fazer nenhuma revolução no pessoal do magisterio soube em 16 annos fazer a mais completa reforma na aptidão dos professores.

Foi bastante para isso uma invenção bem simples—o *certificado de merito*—dividido em tres graus que davam direito a um supplemento d'ordenado que varia de 60 a 120,000 éis, sendo este ordenado do dobro.

Para a concessão deste certificado concorreo-se aos exames abertos todos os annos pelo inspector de districto, e que procede nelles com extremo rigor. Este meio tão facil produziu taes resultados que desde 1846 a 1852 tinham obtido o certificado quasi 4,000 mestres e messtras, e um inspector diz em 1853 que no seu districto era raro o professor que o não tivesse. E este resultado era sem natural; o interesse, emulação, e a desconsideração em que cabiam os descurados deviam actuar poderosamente em todos.

Parece nos que mesmo nas pequenas forças do nosso thesouro alguma coisa semelhante entre nós se poderia introduzir. Bastava fazer reunir bons manuaes que abrangessem todos os estudos desejaveis nos professores e de uma maneira accommodada, e por elles proceder aos exames. Por ventura não conviria que todos os professores tivessem noções de historia, geographia, chronologia, linguas, etc., etc? Divididos estes manuaes em cursos annuaes, proceder-se lva aos exames dos mestres que se habilitassem para receber o certificado, e com elle o augmento de ordenado.

Os programas adoptados em Inglaterra para exames espantam pela sua variedade e difficuldade, e com tudo tiveram um effeito completo. Os professores respondem por escripto a 100 perguntas que abrangem a historia sacra, ecclesiastica, ingleza, geral, geographia, grammatica, lingua e litteratura ingleza, linguas franceza, allemã, latim, grego (não obrigatorio), direcção professoral, arithmetica, algebra, geometria, astronomia popular, navegação, nautica, mechanica industrial, ct. etc.

Mas a Inglaterra não se contentou com isso. Quiz uma renovação completa do professorado e foi buscar á Hollanda a instituição que lhe devia dar este resultado.

(!) Nota Floresta.—Tom: prim: pag: 178.

Em todas as escolas as mais bem dirigidas escolheu um certo numero de alumnos, que por sua intelligencia, attestada por exames, e por sua moralidade garantida pelos paes merecessem entrar na aprendizagem professoral. Entregou-as aos mestres mais capazes para lhes darem lições extraordinarias e além das dadas aos outros alumnos, nas quaes ajudam o professor. Por este serviço lhe paga o Estado de 40 a 80\$000 réis em cada um dos cinco annos em que o alumno-mestre (*pupil-Teachers*) permanece na escola. Se está boa conta de si, tanto moral como litterariamente, póle depois passar ao curso trienal de uma escola moral que completa e dá a ultima perfeição ao *sacerdote da instrucção*, destinado a realisar os desejos da patria em toda a sua extenção. E' facil de ver qual a importancia desta reforma e qual a intencidade de illustração ella não vai levar a todos os angulos do paiz.

Descrevendo aqui os traços geraes desta instituição não nos demoraremos em prometter aliás, importantissimos e somente concluiremos que o lado moral e religioso é não menos severamente investigado do que o litterario. Inglaterra quer mestres habéis mas tambem religiosos.

A penuria do nosso thesouro não nos permite sermos tão magnificos, e ao mesmo tempo tão reformadores como os inglezes; no entanto se o que ali se gasta no luxo de instrucção superior se applicasse, parte, que fosse, ao aperfeiçoamento da instrucção primaria, cremos que uma nova era do progresso real se inauguraria em o nosso paiz, a profissão do magisterio subiria á altura que lhe é devida e a patria aproveitaria muito na descoberta de engenhos que morrem ignorados por essas provincias.

Se os nossos legisladores em vez de falarem muito trabalhassem mais e com maior consciencia não sentiriamos tanto a nossa exiguidade em tudo.

Nas indicações que aqui lançamos não temos em vista senão chamar a attenção para curiosas noticias, que talvez se ignorem, e que talvez fossem muito aproveitaveis.

#### VALOR DAS MACHINAS.

Antes de se estabelecerem em 1770, as fabricas de fiar algodão, segundo o systema de Arkwright, consumiam-se na Inglaterra quatro milhoes d'arrateis d'algodão, e dez milhoes em toda a Europa. Em 1838, pela successiva mul-

tiplicação das machinas, consumiram-se nas Ilhas Britanicas duzentos e setenta milhoes, e em toda a Europa quatrocentos e oitenta milhoes d'arrateis!

Se os obreiros mecanicos deslocaram, e deixaram sem emprego, por algum tempo, os que teciam algodão nas velhas fabricas, esse inconveniente foi largamente compensado pelo desenvolvimento geral d'esta industria, que veio, poucos annos depois, apezar das machinas, a occupar, não só esses braços que a principio prejudicara, mas ainda milhares d'outros, que não tinham trabalho, ou que estavam de sobra nas outras industrias.

A. P.

#### QUANTO DEVEMOS A D. DIOGO DE SOUZA.

Entre os Prelados que mais innoberceram esta cidade, tem principal logar o Arcebispo D. Diogo de Souza antecessor do Cardeal D. Henrique, o qual merece verdadeiramente o titulo de seu restaurador.

*D. Luiz C. de Lima* — Geograph. hist.

As continuadas guerras, quasi selvaticas que constantemente se fizeram as grandes e antigas cidades do universo, conseguiram em resultado riscar do mappa das nações, muitas cidades, que se tornaram granles no patriotismo, na defeza de seus dominios, e no arreigado de crenças e costumes.

O vencedor cantava a victoria ou á luz do incendio da cidade vencida, ou sobre o montão de ruínas de seus muros derrocados.

Carthago, a oriunda de Tiro, poderosa e altiva por sete seculos, estremece em seu seio, quando a gigante Roma, que já então invadia o mundo, lhe lavrou a fatal sentença *Carthago delenda est*. E hoje, se o peregrino atravessar a povoação mourisca de Alakat, dirá saudoso, com os braços crusados *ali foi Carthago!!*

E Braga, a cidade de duzentas e cincoenta mil almas, redemoinhando sempre em exterminadoras e sangrentas guerras, declinando constante em suas riquezas, seria hoje uma tradição popular, um conto de velhas, se, ou o valor d'antes, ou o christianismo, não prohibisse, que o homem lhe lavrasse a sentença de morte.

Ha dezoito seculos que o Evangelho pregado em Braga pelo Apostolo, e depois pelo seu primeiro Bispo S. Pedro, veio sustar mal-

querenças, que só a doçura da religião do Crucificado poderia desarreigar.

Braga poderia perder seu nome famoso, em virtude das grandes guerras em que nadava; porém, já depois de desaparecidas essas guerras, perdê-lo hia do mesmo modo, se seus Arcebispos não trabalhassem constantemente no augmento d'ella.

Procurae um monumento architectonico um templo magestoso, um edificio magnifico, em fim, o que quizerdes; vede-o... que lá foi um Arcebispo fazê-lo á sua custa. Não se comia a carne mais cara, nem se lançavam novos impostos sobre o povo; os Arcebispos faziam todas essas obras porque poliam e queriam. Que santa ociosidade gozavam os nossos vellos senadores!

Hoje, que os grandes calculos politicos, roubam tudo aos ministros da religião, não admira que o Arcebispo de Braga, o Príncipe das Hispanhas, perceba tantos rendimentos, quantos adquire um apadinhado *escrivão* d' fazenda.

Ita causa nojo, porém desgraçadamente são verdades puras.

F. Castiço,

« D. Diogo de Souza foi confirmado Arcebispo de Braga pelos annos 1503 sendo Pontífice Julio II = Amphiu muito (!) e ennobrecceu a cidade abrindo-lhe as melhores ruas e praças, que hoje tem; erigiu-lhe novos edificios, e aperfeiçoando outros. A Cathedra é obra sua com seu retabulo de pedra, de muhoia e elegante architectura, torres, orgão grandes & trasladou para a mesma capella mór os ossos do conde D. Henrique e da Rainha D. Tareja, Troncos dos Reis de Portugal; deixando-os ao lado do evangelho no mesmo sepulchro, em que estavam na *Capella dos Reis*, que hoje se chama de *D. Lourenço*. Fez a magnifica Sacristia e o Thesouro, enriquecendo este com immensas preciosidades. Emmadeirou de novo as naves do cruseiro, tirando a madeira do souto, que estava proximo á mesma Cathedra, em cujo terreno abriu a Rua, e erigiu a Porta, que por isso ainda hoje se chama da *Souto*. Abriu a Porta, e a Rua Nova, que do seu appellido se chama de *Souza*; a Porta e a Rua de S. João; a grande Praça chamada *Campo de Sant' Anna*, por uma capella que no meio della edificou, dedicada á mesma Sancta em cujo circuito mandou collocar varios sippos do tempo dos Romanos. (A Capella foi demolida em 1768, e os cippos, com outras pedras do mesmo tempo, transferiram-se para as Carvalheiras de S. Sebastião, aonde os Anti-

quarios se entretêm com gosto na interpretação e lição de suas inscrições.) Fez as igrejas da Senhora Branca, S. Victor, e do Sanctuario do Bom Jezus do Monte (que depois reedificaram) reedificou tambem o antigo mosteiro de S. Salvador de Montelhos (fundação de S. Frutuozo,) e chamou para o habitarem os Religiosos Menores da Provincia da Piedade. Reuzou varios Hospitaes, que havia na Cidade, a um só chamado de *S. Marcos*, com grande proveito e commodidade dos enfermos. Fez muitas Fontes publicas de muito boa architectura. (?) Estabeleceu estudos publicos e foi acerrimo defensor dos direitos temporaes da Sua Igreja &. Falleceu a 18 de Julho de 1532. jaz sepultado na Capella que fez na Misericordia velha, em mausoleo de pedra, com a sua figura de relêvo em cima em vestes Pontificaes.

## ROMANCE.

### UM DUELLO SEM TESTEMUNHAS.

(Continuado do n.º 15.)

Perdoai-me, perdoai-me, senhora condessa — contestou Felix com voz tranquilla e profunda. — É verdade: obrei mal e tendes razão para lançar-m'o em rosto... Eu deveria ser mais generoso! Porém que quereis? — continuou animando-se — Eu amo... soffro... e vejo soffrer!... Oh! fatalidade! Por que o destino vos deu a conhecer esse homem primeiro que eu!... Vós estaveis livre, tranquilla, feliz... Então não existia entre nós esta muralha invencivel... esta barreira, que vos faz mais forte cada dia: o dever. Oh! Eu vos haveria amado, e vós terieis comprehendido quanta ternura e quanto amor se encerrava em meu coração!

As palavras de Felix se tornavam de cada vez mais sombrias e apagadas: profundos soluços afogavam sua voz.

A condessa, não podendo já sustentar as lagrimas, cahiu sem forças sobre uma marquiza e chorou com o rosto entre as mãos.

Não é verdade, Amelia? Oh! é horivel fatalidade!

Sim, horivel! mui horivel! murmurou a condessa.

Anj! mulher dos meus sonhos! — gritou Felix caindo a seus pés; — eu te houvera amado tam profundamente, que, talvez, tu tambem me houveras correspondido.

Felix!

O apaixonado joven acabava de apoderar-

(?) Não entra na conta, das fontes feitas por este Arcebispo; o formoso chafariz do Largo do Paço. Esse deve-se a um outro Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, que o mandou fazer em 1723.

(!) Serie Chronologica dos Prebendados da Igreja de Braga.

sa de uma das mãos da condessa, que aperta-va entre as suas com delirio e transporte.

De repente ouviu-se um ligeiro ruído de traz d'uma porta.

Madama d'Harqueville estremeceu.

Felix, levantai-vos! — disse com accento de terror; — alguém nos escuta.

Felix levantou-se immediatamente.

Não ouço nada — disse este prestando attenção — Amelia, enganai-vos.

Não, não, estou segura de ter ouvido algum rumor — respondeu a condessa baixando a voz — por esse lado... detraz d'essa porta! Meu Deus! se meu marido...

Tranquillisai-vos... Mr. d'Harqueville não tem a menor suspeita. Neste momento se encontra elle no mais animado da caça; e eu vos juro que não pensa em outra coisa.

Porem, jogaes vós — insistiu a condessa com inquietação crescente — que se tivesse notado vossa ausencia?...

É impossivel! Tomei precauções... ninguém me viu voltar ao castello. E sobre tudo não teria mil razões, que alegar?

Felix, estou agitada, terrivelmente agitada. Temo uma desgraça... Tenho presentimentos que me gelam... Mr. Hamblot é vosso fidalgo inimigo, d'isso estou eu segura... tambem, é meu, e talvez para vingarse...

Não se atrevera! — disse Felix com expressão ameaçadora. — Mr. Hamblot é muito covarde... e de mais não suscita nada...

Vós o julgais assim, Felix? ou pelo menos quereis fazer-m'o acreditar... Porem eu vos repito, que tremo. Ha alguma coisa de sinistro em redor de nós. Eu vos supplico... se me tenhes algum amor, ide-vos... ausentai-vos de prompto. Porem supplico-vos ainda que me olvideis.

Olvidar-vos? Nunca.

Então quereis perder-me... destruir para sempre a tranquillidade de meu coração, o repouso da minha consciencia, da minha vida. Felix, tenho muito de que reprehender-me... Havia jurado não vos ouvir... não permanecer a vosso lado um só instante... E sem embargo, não tive o valor bastante para fazer-vos callar, entretanto... quando essa declaração temeraria, imprudente...

Amelia, que importa o que dizem meus labios! Vós tendes lido em meu coração, não é verdade?

Basta, Felix, basta. Oh! se sois meu amigo... por tudo o que ha de mais sagrado n'este mundo! por nossa doce e mutua affeição! eu vos peço que abandoneis este castello... Retirai-vos, retirai-vos d'elle hoje mesmo.

Como?! tam bruscamente, Amelia! É impossivel!

Imaginai um protesto... o que vós quereis, pouco importa! Porem parti eu vos im-

ploro de joelhos!...dizei que vos chamam a Pariz... que uma ordem do ministro...dizei, enfim, o que vos parecer mais verosimil.

Amelia, partirei; mas sois demasiado cruel!

Todavia o sereis mais, se tractais de ficar... Felix, vós conheceis a violencia do meu marido; esse por acaso surprehender uma palavra, um só olhar, certamente um de vós morre ás mãos um do outro.

A condessa ao fallar d'este modo derramava uma torrente de lagrimas.

Amelia, eu vol'o repito, partirei... porem não ha-de ser hoje... manhan ao despontar da aurora...

Escutai, Felix!... — disse Amelia convulsivamente — vem gente... aproxima-se... oh! d'esta vez não me engano.

## X

De repente abriu-se a porta e appareceu Roza, pallida e sobressaltada

Senhora?

Que succede? — perguntou a condessa com voz tremula.

O senhor conde estranbaria a ausencia de Mr. de Villemont... Se sabe que veio ao castello...

Ah! Felix me haveis perdido!... retirai-vos... retirai-vos de prompto... a deus!

E lançado sobre Felix um olhar desesperado sahio da sala, em que se achava, precipitadamente.

Em sua acceleração, a condessa deixou cabir sobre a marquezia a carta de Felix.

Mr. de Villemont — disse Roza: movendo a cabeça com amargura: — sois bem imprudente... e bem ingrato!... proseguiu com a voz afogada em lagrimas.

Roza, callai-vos... por favor, silencio! — disse Felix que aguardava ver, de momento a momento, entrar na sala a Mr. d'Harqueville!

Oh! Mr. Felix, eu jamais havia julgado isso de vós!...

Roza, tranquillisa-vos... não choreis...

Oh! eu choro... por que tenho motivos para chorar.

Porem, que é o que se passa Roza? — disse Felix seriamente alarmado — Sede razoavel... A Deus, adeus! e não digais que me vistes... Vou reunir-me aos caçadores.

Ide cavalheiro, ide! — respondeu Roza enchugando as lagrimas.

Neste momento descobriu a carta esquecida sobre a marquezia, e fez um movimento para colhe-la, entretanto que Felix tinha a vista fixa na porta. Porem a mão da jovem creada tremia de tal modo, que o papel cahiu no sôlho, causando um ligeiro ruído.

Felix volteou-se.

Ah! disse Felix precipitando-se sobre a

certa, que a guardou immediatamente. — Desgraçada, já a olvidava. . . .

Sim, sim, Mr. Felix — replicou asperamente a joven — tendes pouca memoria. . . esquecis tudo com muita facilidade!

Roza sois uma louca!

E vós um ingrato! Porem paciencia! — acudiu com certo ar ameaçador

Felix fez um movimento com os hombros e sabiu da salla, sem dar uma palavra mais.

Agora já sei tudo — disse Roza com vóz magoada — Se amanhã. . . e eu. . .

As lagrimas embargaram-lhe a voz.

De repente dirigiu-se a uma janella que deitava sobre o campo.

Por fim ausentou-se. . . oh! se eu me não valesse d esta estrategia. . . estariam aqui sós. . .

Oh! nós veremos, nós veremos! — disse abandonando bruscamente a janella.

Felix, que acabava de partir a todo o galope, se introduzio no bosque por um caminho quasi desconhecido.

(Continúa.)

*Celestino Seixas.*

### INSPIRAÇÕES.

\* Ah! n'importe, c'est horrible.

V. Hugo — Le dernier jour.

Já tirei á pobre lyra  
Versos que fiz á ventura:  
Foram cantos bem singelos  
Filhos de creença inda pura.  
Era a innocente alegria,  
Que me dava a poesia  
No meu snhar infantil.  
Ai, sonho da minha infancia  
Como tam cedo voaste! . . .  
Murcharam contigo as flores,  
E só espinhos deixaste. . .  
No teu volver arrancaste,  
D'este peito o coração:  
Dé-te-lhe em paga a saudade,  
Bem mesquinha compensação. . .  
E diceste á realidade:  
« Mostra o mundo, tal qual é!  
. . . . .  
E vi o mundo orgulhoso  
Vir cuspir na minha fé!

\*  
Não sabia o que era o mundo,  
E chorei. . . e a turba riu-se  
Como o impio da tormenta!  
E se um gemido profundo  
Me soltara o coração,  
Como quem chora o passado,  
Vinha alegre a multidão  
Calcar aos pés o gemido!  
Não podia. . . era peccado,  
Chorar um choro sentido

A' face da corrupção! !  
Ai, meu passado d' infancia,  
Como tam cedo voaste!  
Que saudades tenho na alma  
Dos meus sonhos que levaste! !

\*

Innocente, eu tive um prisma,  
Que me dourava o porvir:  
Tantas vezes o beijava. . .  
Era joven não pensava  
Que me havia de mentir. . .  
E, mentiu . . . . .

E, o mundo veio,  
Ensinar-me o que era o mundo!  
Ouvi fallar d'egoismo. . .  
Vi nos homens o cynismo,  
Na face bem levantado!  
Era só palavra a = honra =  
Arçada em laço estudado  
A' opprimida virtude!

. . . . .  
Talvez que o mundo na essencia  
Fosse bom, fosse perfeito. . .  
Talvez fosse. . . mas o homem  
Transformou-lhe essa existencia:  
Levou o mundo a render preto  
A' maldade, ao vicio, ao ouro!  
Ai, flores da minha infancia,  
Como tam cedo murcharam!  
Mil santas creenças cabiram,  
Quando os espinhos ficaram!

\*

Porque não baixei á terra  
No dia do meu nascer?  
Não viria agora o mundo  
Dar-me o cynismo a beber.  
Preferira ter na louza,  
Que p'ra sempre m'escondesse,  
Tosca pedra, que dicesse «  
« Naquelle campa repouza  
« Quem o mundo ver não pôde. »  
Embora viesse o homem,  
A minha pedra calcar!  
Inda assim viriam lagrimas  
A sepultura regar. . .  
Lá nas horas do mysterio,  
Ao som do hymno funereo  
Que se canta nos cyprestes,  
Iriam ao cemiterio,  
Poucas excepções do mundo  
A minha sorte invejar.  
É, que faz inveja a sorte  
De quem sucumbe ao nascer.  
Inda flor, québrea-se a hastea,  
Vai na campa immurchecer:  
E, nem sempre o mundo olvida  
Aquelle ditoso ser.

\*

E, se o homem vive descrente  
E de si tem compaixão:  
Ninguem lhe diga que mente,  
Se chamar inferno á vida!  
Chorai-o. . . seu peito arde

Como as lavas d'um volcão!  
Ninguém lhe chame covarde,  
Porque esse homem, não o é... não!  
Quer esgotar negra taça  
Onde bebeu a desgraça  
De seu viver tormentoso,

Talvez, que o ultimo trave  
Já não seja todo fél.  
E um sorrir esperançoso,  
Esqueça a vida que teve.  
E s'este homem se susteve  
Sobranceiro e corajoso.  
Entre o punhal e a morte...  
Entre a lousa e o veneno...  
Entre a vida e o abysmo...  
Respeitai-o — . . que é um forte  
Quiz provar quanta tortura  
Antes d'ir á sepultura  
Na terra se pode dar!  
Tem saudades do que fôra,  
E inda tem uma esperança,  
Que talvez seu porvir seja,  
Qual o iris da aliança.  
Qual o seu viver d'outrora!

*Fernando Castiço.*

Explicação das encuradas do n.º antecedente

1.º GALOPE

2.º AMOR

CHARADAS.

1 { Da porta das sciencias sou começo,  
Por onde entra o menino em tenridade.  
Nobre invento dos lo-nens, que se perde  
Nas trevas da remota antiguidade.

1 { Se a sillaba primeira me juntares  
Do nome que formou e ta charada,  
Achas em mim rem-dio para a culpa  
Que a todos fôra por Adão legada.

2 { Assim foi d'Estéóles Polynice:  
Dura guerra um ao outro se moveram  
Ante os muros de Thebas, que chamada  
Fôra dos sete chefes, que morreram.

CONCEITO,

Quando a soberba Roma pertendia  
Todo o mundo obrigar a ser romano,  
Valente capitão, soube eu mostrar-lhe  
Quanto valia o povo lusitano.

*Almeida Braga*

Vêra imagem da inconstancia

Disse um piéta que sou;  
Que assim seja, ou que não seja,  
Nunca isso m'importou. —

1 { Que do Globo a maior parte

Abarco, posso dizel-o: —

Sou azul, branco, vermelho,

Negro, rôxo ou amarello;

E, ou quieto ou holiçoso,

Sou ás vezes tormentoso.

A tudo que ha de mais dôce

Sirvo de comparação:

O modo porque me fazem

Ninguém diz, de certo, não. —

1 { Lá nessas grandes florestas,

Ao já lasso caçador,

Denunciar onde existo,

Vai o Cuco — indicá-lo. —

E' de todos o conceito

Para os asnos nao ser feito.

D-u-me o sér geneo sublim

Que a Grã-Bretanha illustrou

E o duro verso inglez

H-ramonioso tornou.

2 { Do coração — bem — amada

E le sempre me chamou:

Ainda fiquei no berço,

Quando a patria abandonou,

E foi morrer longes — terras,

Protegen-lo alhéas guerras!..

CONCEITO.

Toda a gente me conhece,

Te mesmo sem me tocar,

Quando me vê por ahí

Em qualquer parte a seccar. —

A quantos gostão de mim

Lisongeio o paladar. —

Procurem-me nos conventos,

Em todos me hao-de encontrar.

De sardinhas e salmão

Eu previno a indigestão.

*A. P. d' Araujo.*

EXPEDIENTE.

Estamos authorizados para asseverar aos senhores assignantes da *Grinalda*, que este jornal poetico, ain ta não desapareceu da *face do lobo*. A *Grinalda* finge eclipsar-se por algum tempo, para depois reaparecer mais radiosa e brilhante. Ha jornaes, a irregularidade da publicação dos quaes faz espivitar a justa curiosidade de seus assignantes, e muito mais quando uns R. R. como os senhores N. Lima, e Carneiro tanto sabem primar no acrisolado do seu jornal.

N'esta redacção recebem-se assignaturas para a *Grinalda*, jornal poetico.

Por anno, ou 12 — n.º — 800. r.º